

## FLORESTAN FERNANDES: a pessoa e o político\*



### A INFÂNCIA

JC – O objetivo desta entrevista é estabelecer um diálogo cuja finalidade, tal como nós a estamos entendendo, é conversar de forma muito especial com a pessoa e o político. Evidentemente, é indiscernível na sua pessoa o intelectual das outras dimensões. Porém, o intelectual tem sido entrevistado várias e várias vezes. Aqui também ele o será. A nossa ênfase, a proposta aqui, é revelar, trabalhar a sua individualidade, a sua pessoalidade, a sua experiência nos vários níveis da vida do indivíduo. Do homem que nasce, que se desenvolve, que tem casa, tem filhos, tem pais, que experimentou já algumas décadas de existência. E, neste ano em que celebramos os seus 60 anos, esta entrevista que conta com a participação de Heleith Safiotti, Marilene G. S. Pottes, Paulo E. Resende, e os integrantes da secretaria desta revista, é também uma forma de manifestar uma homenagem, realizar uma comemoração por esta data. Professor, como foi a sua vida?

FF – Em julho de 1920, quando nasci, minha mãe trabalhava numa casa de família, meu pai já havia falecido, e eu nasci na maternidade da rua Frei Caneca. Criança fraca, com risco de vida, fui logo batizado. Houve um conflito de nomes porque meus padrinhos, que eram os patrões de minha mãe, queriam que eu me chamasse Vicente, e ela queria Florestan, que era o nome do chofer da família – um alemão que mais tarde se casara com uma amiga de minha mãe. Minha madrinha achava que Florestan não era nome para filho de criada, embora o alemão fosse o chofer, e queria que eu fosse Vicente. Por isso fiquei apelidado de Vicente durante muito tempo. Eu sou Vicente e Florestan. Os que me conhecem por Vicente já são só meus tios e minha mãe.

**Nota da Comissão:** Nos números anteriores a seção 2ª Leitura foi publicada sem que sentíssemos necessidade de explicar aos leitores as razões da nossa escolha; por que então uma explicação agora? Em primeiro lugar, anteriormente publicamos artigos; dessa vez temos uma entrevista, um depoimento, que a rigor teria um outro lugar na revista: optamos por superar a necessária, mas formal, compartimentação. É um depoimento, sim, e é ótimo que seja, mas é também uma segunda leitura e talvez não para muitos. A revista *Escrita/Ensaio* na qual foi pu-

\* Publicada anteriormente em: *Escrita/Ensaio*, São Paulo (8): 9-39, jan. 1981.

blicada não é especializada em educação; no entanto as questões levantadas pelos entrevistadores e pelo entrevistado constituem-se em um rico material de reflexão educacional, histórica e política, e essa é a segunda razão para nossa escolha. Fizemos alguns cortes na matéria original, necessários pelo tamanho da entrevista e pela especificidade da que queríamos criar. Agradecemos ao prof. José Chasin a permissão para reproduzirmos a entrevista, que foi concedida a Ester Vaisman, Heleith Safiotti, J. Chasin, Marilene Pottes, Narciso J. Rodrigues Jr. e Paulo Edgar Resende.

## HS – E o sr. viveu nessa casa com sua mãe?

FF – Vivi um pouco. Minha madrinha queria que minha mãe me desse a ela e minha mãe respondeu que “não se dá filho, o que se dá são cães”. Portuguesa decidida, nós enfrentamos a vida sozinhos, duramente. Conheci o lado trágico da vida de São Paulo por aí, de modo que quando estudei o negro, havia muito de experiência própria. Não era experiência contada: chegamos a viver em casa de cômodos, em pequenos cortiços, naqueles grandes cortiços nunca cheguei a viver. Mesmo assim, cheguei a conhecê-los porque morei perto de um deles, um dos mais pavorosos, que ficava na rua Santo Antônio, perto da Jaceguai. Aqueles cortiços eram realmente terríveis. As descrições que faço no livro consegui reconstruir graças aos depoimentos de pessoas que moram lá. E o que eles me contaram era exatamente o que eu conheci quando criança. Minha mãe é de origem portuguesa e lá, onde moravam brancos de origem brasileira, portuguesa, italiana, espanhola, vi como se excluía o negro. Isso tudo corresponde à década de 20. Comecei a trabalhar com seis anos e com nove já ganhava a vida como um adulto. Minha mãe contraiu segundas núpcias nesse período. Depois não deu certo, mas de qualquer maneira nós organizamos nossa vida e melhorou. Aos seis anos de idade me iniciei na vida prática. Meu primeiro trabalho foi limpar a roupa dos clientes de uma barbearia, que ficava na Major Quedinho. Havia um salão de barbeiros ali e éramos dois meninos, eu e um negrinho. Como eu era pequeno e mais engraçadinho, eu ganhava muito dinheiro em gorjetas. Eu era do tipo fraquinho. Sempre fui muito anêmico mas, apesar de anêmico, era uma criança bonitinha, os fregueses se engraçavam, davam 400 réis, 200 réis, o que era muito dinheiro no fim do dia. Daí passei para vários outros tipos de trabalho, tudo de modo muito ocasional. Trabalhei num açougue, em alfaiataria. Depois descobri que o que dava mais dinheiro, para uma criança como eu, era engraxar sapatos. Aprendi, então, a engraxar sapatos e me tornei um bom engraxate. Sou um engraxate de primeira. Comecei a engraxar sapatos ainda na Bela Vista. Depois mudamos para o Cambuci. Estudei onde ficavam os “pontos bons” e descobri que os melhores ficavam na Vila Mariana – no largo Ana Rosa e em frente à estação dos bondes. Havia uma mobilidade muito grande dos pobres embora as pessoas preferissem mudar para a mesma área em que viviam, pois assim a mudança ficava mais barata. Mas era difícil, porque a população flutuante era muito grande e os cortiços, antigos prédios alugados para seis, oito, dez famílias pequenas. Então, às vezes a gente morava na rua Santo Antônio e mudava para a Luís Barreto ou rua Rocha. Mas ficava no mesmo bairro. Outras vezes éramos obrigados a fazer mudanças para longe. Uma vez fomos morar no Bosque da Saúde, numa área ainda muito descampada, muito afastada. A casa era boa, tinha dois cômodos, cozinha e quintal. Ficamos um bom tempo lá. Eu ia a pé até à estação dos bondes da Vila Mariana, eu tinha um ponto no largo Ana Rosa. Havia um barzinho ao lado da antiga estação de bondes e também um grande salão de barbeiro. E eu tinha freguesia montada tanto na barbearia como nas casas. Ficava nos pontos um período do dia. Na outra parte do dia ia bater em casas de família pois muitos preferiam engraxar sapatos em casa. Pegava dez, doze pares de sapato para engraxar, de famílias ricas. Eu saía de casa de manhã cedo, quando podia levava

um bom sanduíche, quando não podia não levava nada. Depois desse período minha mãe já não trabalhava. Durante um tempo ela lavou roupa, depois largou o serviço doméstico e ficava em casa. O meu padrasto era garçom e tinha sua renda. Eu tinha a minha. E, quando não tinha nenhum tipo de trabalho para fazer, arrumava uns biscoitos com encerrar casa, transportar colchões, isso tudo dava dinheiro.

## HS – O sr. não acha que essa experiência o marcou profundamente?

FF – Por sorte eu não posso dizer isso, pois aceitei naturalmente esta vida. Eu não fiquei questionando o universo naquela época. Nasci na casa de minha madrinha, uma senhora da família Bresser que falava francês, tocava piano, com quem eu vivi até quase três anos e depois mantive contato com eles. Houve um período entre seis e sete anos que eu voltei a viver com ela. Fui colocado numa pequena escola primária. Por isso fiquei com um padrão de curiosidade intelectual que foi alimentado pela família Bresser. Lá aprendi a ler o Tico-Tico. E depois, o segundo padrasto que eu tive, possuía vários livros. Eu lia bastante, para uma criança. Ficava um pouco isolado, como trabalhava muito e ficava muito tempo fora de casa, eu não podia ter uma vida de criança. A minha vida era a de adulto, muito prematura, portanto o que realmente me faltou foi a socialização infantil. Quer dizer, em termos rousseauianos, eu sou um estupro contra a natureza. E minha experiência adulta se antecipou tanto no nível prático como no nível intelectual. O duro nesse período era o fato de que as pessoas tratavam uma criança como uma criança de “classe inferior”. Tive experiências assim: gente que queria dar comida a quem dá comida a um cão. Eu podia estar morrendo de fome mas não aceitava. Eu só aceitava comida na casa de uma professora, cujo filho era meu amigo, com quem eu brincava. Em outras casas eu recusava mesmo que a comida fosse boa e estivesse faminto. Eu recusava porque me revoltava contra o fato de oferecerem comida em condições degradantes. E preferia comer um “mata-fome”, uma espécie de pudim de pão que custava metade de um tostão. Quem comesse dois daqueles ficava empazinado para o resto do dia, porém não estava alimentado, é claro. De modo que essa experiência era chocante. Além do mais, há a perversidade dos adultos, que é muito grande, e uma criança que está vivendo com a mãe tende a aprender prematuramente a se defender, usando inclusive a violência. A violência entrou na minha vida muito cedo, era um processo de autodefesa: se eu não usasse a violência, eu acabaria sofrendo uma utilização sexual violenta por parte dos adultos. Acabaria sendo castigado nos grupos de crianças que brincavam no bairro. Como eu não era de nenhum dos grupos, eu poderia ser perseguido. Por isso, em todos os bairros em que eu vivesse, apesar de franzino, tinha de recorrer à violência, o que é doloroso. Quanto ao resto, tenho a impressão de que o amadurecimento foi muito grande. Quanto à aprendizagem, esta foi razoável porque eu estive na escola em torno dos seis anos e pouco. Mas, em função de todos esses problemas de violência, minha mãe queria me pôr na Marinha ou no Instituto de Menores. A minha madrinha, então, me pegou por uns tempos. Depois minha mãe não quis que eu continuasse lá, talvez com medo de me perder. Voltei para a casa dela.

Meus padrinhos, além do que davam na escola, me ensinavam a ler, acompanhavam minha aprendizagem. Depois eu fui morar na Bela Vista e freqüentei o Grupo Escolar Maria José, que ficava na esquina da Treze de Maio com a Manuel Dutra. Fui até o 3º ano lá. No início do 3º ano precisei interromper porque nos mudamos para o Bosque da Saúde, e eu tinha que trabalhar porque meu padrasto estava doente e eu era a única fonte de suprimento de dinheiro da família. Não pude mais freqüentar escolas, mas a aprendizagem nunca foi interrompida. As pessoas me davam livros. Isso é uma coisa muito curiosa, eu sempre ganhei muito livro. Mesmo depois que eu passei a trabalhar em padarias, bares, restaurantes, os fregueses conversavam comigo e viam que eu tinha interesse, que conhecia assuntos extravagantes para um copeiro, e me davam livros. Um tio de Mário Wagner, o Lula - Luís do Amaral Wagner - era delegado de ensino e uma vez me deu 40 livros, que no início da década de 60 eu doei para a Faculdade de Filosofia. Sempre gostei muito de contos, de novelas, ficção e folclore, que era muito cultivado e fazia parte da minha vida. As pessoas do nível em que eu vivia praticamente usavam esse saber, que era segregado do saber erudito. Então, eu gostava muito de contos populares e de novelas. Era uma forma de compensar as poucas oportunidades de ter qualquer recreação: a válvula de equilíbrio era a fantasia.

## A VIOLÊNCIA DA VIDA

### HS - Professor, como era a sua relação com os outros garotos?

FF - Fiz amizades com alguns, mas a regra ali era esta: enquanto o sujeito não era aceito, tentavam impedir que ele fizesse parte do ponto. Porque o ponto é uma maneira de ganhar a vida. E, como não havia uma seleção programada, cada um conquistava o ponto com base no seu valor de luta. Quando eu fui para o largo Ana Rosa, por exemplo, um alemãozinho taludo, quase com o dobro de minha idade, não queria me deixar engraxar. Eu era um meninote, nessa época devia ter uns nove anos. Eu estava com uma caixa de sapólio Radium, grossa e forte, que fui girando enquanto a gente discutia - "fico aqui", "não fica", "fico", "não fica" - até que espatifei a caixa na cabeça dele. Nunca mais ele se meteu comigo. Naquela época ele tinha uns catorze anos, era muito mais forte que eu. Era assim que as coisas se resolviam.

### HS - Quer dizer que a caixa era sua arma?

FF - Eu usava qualquer arma, até armas mais violentas. Na área em que vivi, na Luís Barreto e na Santo Antônio, havia um líder de grupo chamado Papaiano, que amedrontava as crianças. Esse camarada me perseguia e eu não podia brigar com ele porque era muito pequeno. Naquela época havia um negócio de cuspir no chão, o sujeito passar o pé em cima e, depois, passar a mão no nariz do cara. Ele veio, passou a mão no meu nariz, eu fiquei quieto. Aí ele cuspiu no chão, eu era muito pequeno e corri para casa, eu não podia lutar com ele. Ele devia ter uns dezesseis anos. O fato é que fiquei apavorado e falei com minha mãe: "É melhor nos mudarmos daqui". E ela disse: "Não, nós não podemos mudar". Eu respondi: "Mas nós não podemos ficar aqui". E ela repetiu: "Não podemos mudar". Aí eu tive de pensar

em como lutar com ele. E o que foi que eu fiz? Abri a costura da botina, quebrei uma gilete, instalei-a ali e fechei de novo. Passei por lá e o garoto me assaltou de novo, porque eu era o prato predileto dele. Quando ele veio para cima de mim, eu fique quieto. Repetiu-se a cena: ele cuspiu no chão, eu passei o pé em cima, aí ele passou a mão no meu nariz, e eu passei a mão no nariz dele. Aí ele veio me bater e eu meti o pé na canela dele. Eu dei uma bela sova naquele camarada. Foi violentíssimo. Ninguém nunca mais se meteu comigo. Esse era o "mundo normal": ou o camarada sabia se defender ou estava "protegido". Agora, o "protegido" tem outros percalços, sofre outras violências. Mesmo no Bosque da Saúde eu tive de enfrentar um rapaz, mas aí a luta foi leal: era uma família mineira e o rapaz tinha três irmãos. Essa luta era como parte de um ritual de iniciação e adoção. Toda vez que havia uma mudança, eu tinha que enfrentar esse tipo de problema. Não queriam que eu entrasse no grupo e eu tive de brigar. Mas brigamos de maneira limpa e ele apanhou. É que eu tinha mais experiência de vida. A família dele viera de uma zona rural de Minas e, enquanto viveram meio isolados ali, ele podia cantar de galo. Depois eu apareci e, apesar de ser mais franzino, ele apanhou muito. No entanto, eu sofri um castigo que me deixou revoltado. Minha mãe me deixou uma semana sem poder sair, a não ser para ir trabalhar. E eu fiquei revoltado porque ele era mais forte que eu e tinha me provocado.

## NA ESCOLA

### HS - O sr. conseguiu terminar o Grupo Escolar?

FF - Não, fiquei no 3º ano. Mas continuei a estudar sozinho. E, por acaso, quando o Riachuelo foi fundado, eu trabalhava no bar ao lado. Fiz amizade com os professores do ginásio e perguntei se podia ser aluno. Eles disseram que sim. Eu era copeiro do bar, mas também trabalhava na cozinha, à noite. Eventualmente podia servir alguns fregueses na mesa. Meu período começava na hora do almoço e ia até a meia-noite, até fechar o bar. À noite não tinha quem cozinhasse, aí eu cozinava. Trabalhei ali uns três anos, devia ter catorze, quinze anos. Fiz boas amizades, inclusive o Manoel Lopes de Oliveira Neto, a quem dedico o meu primeiro livro. Dona Ivana, o Castro e o Maneco foram os que receberam a dedicatória do meu primeiro trabalho sobre "As Trocinhas do Bom Retiro", escrito em 1944, que depois foi transferido para o livro "Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo". Eu conheci ali muita gente. Quando havia uma conversa sobre a campanha das tropas francesas na Espanha, a história de Roma, etc., eu entrava na conversa. E com isso os fregueses ficavam prestando atenção em mim. Na ocasião, eu combinei com o prof. Benedito de Oliveira, que era diretor da escola, pagar uma taxa menor para estudar. Nesse ínterim, o Riachuelo mudou para os Campos Elíseos e eu fiquei com o problema de arranjar outra ocupação porque não podia estudar trabalhando no bar e restaurante. O Manoel Lopes de Oliveira Neto, o Maneco, disse que me ajudava e me garantiu: "Só que você precisa estudar datilografia e fazer o tiro-de-guerra. Datilografia, porque eu não sei o que vou poder arranjar na Novotérápica (era um dos diretores da empresa). Se você precisar trabalhar na máquina, você sabe, disse. Está estudando muito tardiamente e, se for sorteado para

o Exército, nunca mais vai poder estudar". Eu consegui com o Machado e os sócios dele sair na hora de maior movimento e três vezes por semana eu ia receber instrução no tiro-de-guerra 546, que ficava na rua do Carmo. Um ano todo foi assim. Depois o Maneco me arrumou um lugar como entregador de amostras, em que fiquei uns oito meses. Era um bom lugar pois me permitia estudar. Quando juntava as amostras para entregar, ele me chamava: "Florestan, vá levar isso aí!" Eu saía. Entregava as amostrinhas e depois voltava. Daí eu fui promovido a estoquista, cargo em que fiquei quase um ano. Depois surgiu uma vaga de chefe de seção de artigos dentários, na qual fiquei quase um ano. Fiz carreira rapidamente: a carreira dentro da Novoterápica estava encerrada, chefe de seção, em três anos. Mas aí eu já estava terminando o madureza e tinha de fazer um curso superior. Queria fazer engenharia química, talvez por causa de Júlio Verne. Mas não podia, precisaria ficar na escola o dia todo e eu tinha que trabalhar. Não segui, portanto, nenhum curso entre aqueles que estavam na minha linha de preferência. Examinei as possibilidades abertas pelos cursos de meio período. De início eliminei direito e letras. Fiquei entre filosofia, ciências sociais, geografia e história. Aí escolhi ciências sociais. O prof. Benedito de Oliveira, logo no 1º ano, detectou que eu era um aluno muito quieto, muito isolado dos outros, e disse à classe: "O Florestan é um reformador social, a gente vê pelo jeito dele". Eu tinha, pois, certa propensão a me interessar por assuntos que diziam respeito às condições de vida dos seres humanos. E escolhi ciências sociais.

**JC – Gostaria de voltar atrás um pouquinho. Nós tivemos a descrição de um longo período duro, de um menino trabalhador, o menino que tem de se armar com gilete na botina para salvar a pele. Tivemos, então, um perfil extremamente dramático, árduo, áspero. E eu queria fazer uma pergunta muito simples. E os traços mais simpáticos, positivos, alguma lembrança carinhosa e afetiva nesse passado?**

FF – Eu tive várias, mas poucas entre companheiros. Tive pessoas marcantes na minha vida: foram minha madrinha, minha avó, um tio chamado Francisco, que eu admirava, porque era do tipo aventureiro. Sabia montar muito bem. A família toda veio de Portugal e foi trabalhar no interior. Meu avô ficou tuberculoso e a família se desagregou, de modo que as pessoas de quem eu gostava muito eram pessoas que representavam alguma coisa para mim. Durante um tempo, na área dos adultos, eram três as pessoas de quem eu gostava. Dona Ivana, uma delas, foi a maior amiga que tive na vida, a pessoa que mais gostou de mim, talvez mais que minha mãe. Como criança, eu tinha pouca ocasião de ter contatos afetivos. Se alguma criança se mostrava aberta à minha amizade, eu me atirava muito profundamente a ela. Mencionei aqui o filho da professora, com quem eu brincava, mas era uma coisa superficial. Houve uma outra amizade profunda, um rapaz que era também engraxate, e era um rapaz muito inteligente e sensível. Ele morreu uns dois anos depois que eu o conheci, morreu de tuberculose e de fome. Para nós não era fácil sobreviver. Era uma vida dura, que parece literatura armada de televisão. Isso acontecia freqüentemente, as pessoas caíam no caminho. E tive um outro amigo, no Cambuci, um menino que morava bem longe; fizemos uma amizade muito séria e profunda, que depois se desfez. Esses episódios eram

importantes porque essas amizades tinham para mim um significado que provavelmente não tinham para outro.

#### **MP – E na escola?**

FF – No Grupo Escolar Maria José a disciplina era muito dura, as professoras usavam ponteiro. Na escola em que estive no Brás ainda se usava palmatória, ainda se botava criança ajoelhada em grão de milho, ainda se usava pôr orelha de burro, o sujeito ficava sentado no banco com a orelha de papel. Eu levei palmatória, levei bolos. No Grupo Escolar Maria José eu tinha uns problemas porque, por causa da minha vivacidade, as professoras me usavam como auxiliar para tomar a tabuada, fazer coisas assim. E meus colegas ficavam bravos, porque eu parecia muito menor, era pequeno, e na hora que ia tomar a tabuada me chutavam na canela e eu chutava também. Levava um chutão e dava outro chutão. Quando saía na rua, estava lá o bolo armado. E eu não fugia da briga. Mas a sorte é que nesse colégio havia um diretor, o prof. Barros, um homem de bom discernimento humano, que compreendeu a natureza da situação e nunca usou de violência, mesmo quando minha mãe lhe dizia que "devia castigar-me como um pai, para aprender". A repressão na escola ia tão longe que uma vez a vice-diretora ficou com a orelha de um aluno na mão. Deu um escândalo tremendo naquela ocasião. Em função destas brigas eu fiz alguns amigos, às vezes fugíamos da escola. Nós íamos ao Morro dos Ingleses, onde existiam alguns palácios e um grande descampado com um muro. Fingíamos que íamos à escola, cabulávamos aula, mas tudo foi descoberto e nós acabamos sofrendo uma punição.

#### **HS – E como era o relacionamento com sua mãe?**

FF – A relação era profunda, porque ela era o adulto permanente em minha vida. E era uma relação em dois níveis, porque ela era fonte de repressão organizada. Ela tomava para si a punição de tudo o que acontecia de errado e a sua concepção para corrigir as coisas era simplista. Fez errado, paga, tem de sofrer castigo. E eu me rebelava quando achava que o castigo não era justo e brigava com ela, nos batíamos. Ela batia em mim com tamanco e eu mordida as pernas dela. Eu atacava como podia. Mas eu sempre quis muito bem minha mãe e ela sempre me quis muito bem. Todo o dinheiro que ganhava eu levava para casa. Quando escondia dinheiro – tinha uns truques para esconder dinheiro – eu não escondia para gastar, eu escondia para dosar a entrada de dinheiro em casa. Havia dias em que não tinha trabalho e eu não queria submeter a família à privação. Então, se algum dia fazia muito dinheiro, escondia dentro do sapato. E, quando o trabalho caía, o dinheiro continuava a fluir. Isso nunca ninguém me ensinou a fazer, eu fazia como uma prudência antecipada.

#### **EDUCAÇÃO E TRABALHO**

##### **MP – Como, na época, esse menino trabalhador via a cidade?**

FF – Eu me formei dentro da cidade, a minha escola de fato foi a cidade. E como criança, como rapaz, eu cresci através da convivência com os outros. Era uma cidade dura e uma das experiências dramáticas que tive foi na casa de um alfaiate italiano, na rua Major Diogo. Foi um trabalho que minha mãe, através de amigas, me arrumou

na preocupação de me dar um ofício. O patrão tinha uma alfaiataria na rua Quintino Bocaiúva. Era um sobrado e ele tinha boa freguesia. O conde Matarazzo era freguês dele. Eu conheci o conde e sua filha lá. Tinha por volta de nove anos e pouco, dez anos. Uma criança mirrada que ele vestiu com um paletó velho dele, sem reformar nem ajustar. Eu vestia, arregaçava a manga e parecia um desses garotos dos romances do Charles Dickens, aquelas crianças abandonadas de Londres. Eu ia a pé da Major Diogo até a Quintino Bocaiúva, esquina com a José Bonifácio, e voltava várias vezes, porque eu ia de manhã, depois voltava para pegar o almoço dele, e voltava à noite. Nesse vaivém passava por várias áreas de pessoas que tinham outra vida. Eu via o Paramount, por exemplo; ao passar por lá, via aquela beleza, aqueles metais amarelos, aquilo tudo brilhando, aqueles homens que abriam as portas dos carros das pessoas que iam assistir aos filmes, todos vestidos com aquela roupa especial, tudo aquilo me deslumbrava. Desse ângulo, a vida em São Paulo me encantava sim. Mas era eu de um lado e essa vida, de outro. Isso bolia muito com minha fantasia, porque eu ficava pensando na minha vida em termos daquilo tudo que não usufruía. Essas minhas fantasias iam na direção compensatória. Procurava-me em conseguir para mim e para minha mãe coisas desse tipo. Fiquei trabalhando com esse alfaiate durante algum tempo, até que minha mãe foi me visitar uma noite, porque eu ia só uma vez ou outra à casa dela. Eu morava lá na casa dele e queria sair de lá, eu dizia que passava mal, que comia mal, dormia mal e tudo ia mal, e ela não acreditava. Um dia ela foi lá para ver. Ele morava numa casa térrea e a rua tinha um desnível grande. Então o porão era mais alto que a parte da casa térrea. Eu morava no porão. Só que ele morava numa casa e alugava a outra. E nos dois porões ele guardava grandes armários. Em cima de um desses armários ele colocou um colchãozinho e eu então ficava perto do respirador. Com a iluminação da rua, as sombras das pessoas que andavam se projetavam na parede de uma maneira fantástica, o mesmo acontecendo com o ruído das pisadas. Afora o barulho, tinha rato, morcego, aranha, barata e eu vivia ali apavorado, passava a noite apavorado. Quando ela viu onde eu dormia, levou um susto e brigou com o homem: "O senhor não tem coração", disse. Na mesma hora me tirou de lá. Por aí vocês vêem o contraste. Quer dizer, eu estava em contato com a "outra vida". Mas, aquela vida estava de um lado e eu de outro. De modo que foi importante para mim, em termos psicológicos e seletivos, porque se eu ficasse isolado, só, afastado daquela vida que eu podia ter, talvez eu nunca tivesse a inquietação de me projetar e estudar. Porque ela era negadora. Eu tentei realizar a minha fantasia, superando as dificuldades. E tive sorte, porque sempre havia alguém interessado em me ajudar.

Então, voltando, comecei a vender artigos dentários na base de comissão. Fiquei na Novoterápica até terminar o curso de madurez, fiz as provas na Faculdade de Filosofia e comecei o curso. Aí eu saí da firma, fui trabalhar no Boticão Universal. Primeiro vendendo no balcão. Assim que começaram as aulas, veio o sr. Gianatazzio, que tinha uma filha na Faculdade de Filosofia, e disse: "O senhor não pode fazer o curso lá. Minha filha também está lá e não aguenta acompanhar os cursos. Como o sr. vai fazer?" Eu respondi que aquilo era problema meu: "Eu trabalho aqui e, se vocês consentirem, eu vou vender por comissão". Eu trabalhava com freguesia em São

Caetano, Jundiá, São Bernardo e um pouco na Capital. Como eu tinha muitos romances, fazia amizades com as enfermeiras, dando ou emprestando os livros. Com isso, elas guardavam pedidos para mim. Depois fiz amizade com um rapaz chamado Delfim. Nós formávamos uma dupla com talento prático. Começamos a competir com o Boticão, porque muitos produtos nós comprávamos no atacado, no mercado negro - havia mercado negro por causa da guerra -, e revendíamos. O Paladon, por exemplo, quando nós conseguíamos uma partida, levantávamos um bom dinheiro, vendendo tudo independentemente da firma. Até que eu tive, uma vez, um conflito com seu Evaldo, um dos donos. É que eu fiz uma venda muito grande para o laboratório Langoni e consultei o chefe da seção de materiais para ver se eles faziam a entrega, e ele disse que sim. Mas, depois, cortaram quase tudo. Aí eu me demiti.

Nesse ínterim acabei, através do Maneco, recebendo duas ofertas: uma para ser representante de uma firma que estava instalando escritório no Brasil. Era para ser representante no Paraná. Aquilo era uma oportunidade de carreira tão grande, que foi um choque para mim. O Maneco dizia que eu poderia ficar rico. Eu recusei. Depois ele soube de um laboratório no Rio que tinha só dois produtos: Iodobismam e Trofolipan. Aqui em São Paulo esse laboratório tinha só dois propagandistas e ocorreria uma vaga. Era uma firma muito meticulosa na seleção dos propagandistas. O Maneco me preparou para os exames. Eu fui para o Rio e tive que concorrer com outro candidato que era farmacêutico. Na prova escrita nós empatamos, cometemos um erro cada um. Na prova prática, que consistia em visita a médicos, eu ganhei dele. Fiquei trabalhando nesse laboratório até dois anos depois de formado, já como assistente da faculdade. Como propagandista eu ganhava mais do que como assistente. Como propagandista ganhava mil quatrocentos e pouco, como assistente ganhava mil e cem. Graças a esse trabalho pude fazer um curso na Faculdade de Filosofia, como se eu realmente tivesse recursos. Era um curso difícil. Basta que vocês vejam: um menino que saía do curso de madurez, sem saber francês, ouvindo professores que davam aula em francês. Os franceses não faziam concessões, eles não tinham idéia de que estavam no Brasil. As concessões vieram muito mais tarde, com o Antônio Cândido e comigo. Mas essa é outra história.

#### UM PEDAÇO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO VIVIDO

**JC - Nós vamos solicitar que o sr. caracterize a sua experiência, a sua vivência, o seu modo de ter visto uma série de problemas de 60 para cá. A primeira: a velha campanha da escola pública.**

FF - Eu entrei nessa campanha com uma resistência muito grande, porque ela tinha uma característica bífida. Em termos da situação presente, que eu vivia, era uma coisa avançada. Já em termos de um pensamento revolucionário, era uma coisa retrógrada. A tal ponto que, quando eu me impunha o dever de discutir, dizia: "Estou defendendo isso, mas isso seria uma coisa avançada na Europa do século XIX". Na verdade, não era o Estado republicano que absorvera certas funções construtivas na área da educação; eram os setores das classes possuidoras que tinham o poder de usar o Estado e levavam-no a preencher certas tarefas que, na verdade, não eram de interesse da Nação, no seu conjunto. Estas clas-

ses usavam, pois, facilidades da escola pública. Naquele momento eu defendia essa evolução e os seus frutos, porque continham um avanço, de qualquer modo. O que importa nisso tudo é que o Estado avançou e hoje suporta defender suas realizações quando as classes possuidoras pretendem destruí-las, porque para elas não são mais funcionais ao seu particularismo. Elas querem impedir que as classes subalternas possam utilizar essa válvula em benefício próprio.

**NR – Querem executar, hoje, o arrocho educacional.**

FF – Exatamente.

**JC – Professor, a campanha da escola pública foi um erro?**

FF – Não, não foi. Ela foi construtiva. Eu acho um erro querer refazer a campanha hoje, porque naquele momento havia toda uma consciência civilista, no sentido que a palavra civilista tomou no início do século aqui, principalmente através da campanha de Rui Barbosa e do que sobrou do Movimento Abolicionista. Havia dentro de um setor mais liberal ou radical da burguesia possibilidades de dinamizar uma relação com os problemas do país que era muito construtiva. Hoje não, pois estamos num período de recesso da contra-revolução e seria um engano pegar elementos que foram ativos num momento em que a burguesia estava em ascensão, tentando o controle do Estado, criando novas formas de utilização do poder, no período em que ela está na autodefesa mais reacionária, sob a presunção de que as coisas vão ter o mesmo significado. Naquele momento era útil, porque havia uma ressonância, havia resposta. Basta dizer que Júlio de Mesquita Filho chorou em público quando eu falei na Biblioteca Municipal. Ele deu um apoio material e intelectual entusiasta àquela campanha. Agora, depois de 64, acho que a coisa mudou de figura. Um Estado ditatorial pode superar muitas das tensões centralizando o poder de decisão. Não há mais ambiente para repetir aquela experiência. Eu vejo que há grupos tentando restabelecer a campanha, tentando animar um debate da mesma natureza. Tudo isso soa falso, porque agora o problema é muito mais de mobilizar a classe trabalhadora para o fim de desenvolvê-la e de retrucar, através dela, os verdadeiros caminhos da revolução democrática.

**JC – Uma última pergunta sobre esta questão: me parece que um dos méritos da campanha foi tornar a questão da educação uma questão, um problema público. O povo participou da campanha?**

FF – Isso sem dúvida nenhuma. E aí é preciso dar aos educadores, que não são socialistas, um lugar tão importante quanto o dos outros, porque a tendência da esquerda é dar uma certa saliência aos seus heróis. Na verdade, aquele movimento foi um movimento pluralista, com várias forças agregadas. Educadores como Roque, Laerte, Vilalobos, o Anísio Teixeira, o Fernando de Azevedo, o próprio Darci tiveram importância em fases diferentes da campanha. Houve momentos nos quais a campanha se radicalizou, em que várias dessas forças recuaram, mas todas elas, ao longo do percurso, foram igualmente construtivas.

**JC – Conseguimos, na época, fazer com que o povo discutisse Educação, que assumisse essa questão como um problema seu.**

FF – E de um maneira que é muito mais chocante do que a dos que estão falando sobre o assunto hoje. Eu me lembro que quando fizemos a primeira Convenção de Defesa da Escola Pública, no Sindicato dos Metalúrgicos, o Laerte me disse: "Florestan, esse pessoal está falando de educação como se fosse pão, feijão e arroz". Eu nunca me esqueci disso, porque ele não achou admirável, não, ele ficou assustado. Ele nunca pensou que, para um operário, pão, feijão, arroz e educação pudessem valer a mesma coisa.

## O GOLPE DE 64 E O GOLPE NA EDUCAÇÃO

**JC – Vamos a uma questão muito genérica. Todos nós conhecemos as suas posições, as suas iniciativas e a sua atuação. E o golpe de 64?**

FF – Eu já fiz uma análise desse golpe. Talvez hoje seja capaz de ver mais claro porque em nenhum dos ensaios que elaborei cheguei a fazer uma análise mais elaborada desses golpes, que não são específicos do Brasil. Tenho a impressão, com relação a 64, dentro do contexto de nossa discussão, que o elemento lamentável foi a ausência da luta direta entre as forças que se diziam dinamizadoras das reformas de base e as forças que capitanearam a contra-revolução. As forças que tinham uma posição pelo aprofundamento da revolução nacional, da revolução democrática, não deveriam ter saído do campo sem luta. Isso foi terrivelmente desmoralizador porque, na verdade, fez com que as classes trabalhadoras não pudessem fixar a identidade daquilo porque lutaram. Mesmo que elas não tivessem levado a luta até o fim, teriam se polarizado e seriam capazes de distinguir o que, dentro da ditadura, precisaria ser combatido, sem descanço.

**EV – Professor, 64 em pouco tempo vai lhe causar a aposentadoria compulsória. Em 64, o sr. é preso e eu queria uma reconstrução dessa prisão. A prisão e a liberdade que o sr. adquire dias depois.**

FF – Na verdade, ali o que houve de importante não foi a prisão nem a libertação. Eu vivi esses episódios em termos de situações irremediáveis. Quando voltei à Faculdade, ao sair da prisão militar, a maneira pela qual fui recebido, isso tudo forçou um pouco a consciência do dever intelectual. Eu vi que nós não tínhamos o direito de ser irresponsáveis e foi, em grande parte, por causa disso que procurei um ativismo político maior do que demonstrara antes. É curioso porque em 64 eu havia assumido um compromisso de ir aos Estados Unidos no ano seguinte. Fui, fiquei um semestre lá. Voltei para cá no início de 66 e, assim que pude, assumi toda a carga de uma atividade política possível, totalmente a descoberto, sem nenhum amparo. Essa atividade foi crescendo e, em 67, ela se tornou realmente uma atividade maior. O período mais intenso na minha atividade política está nesse ano de 67. Entre 66 e 67 me desdobrei, de todas as formas possíveis na luta contra a ditadura. E de uma maneira que não foi produtiva, nem para mim nem para as forças

que queriam ver a ditadura destruída, mas por isso eu não sou responsável. É curioso, porque a minha consciência de dever foi exacerbada. Não havia nenhum elemento de autodefesa, de autoproteção. Lancei-me à luta de peito descoberto. Já em 68, ano em que me radicalizei muito mais, tomei posições que apareceram nos jornais como muito violentas ou virulentas, mas não tinha uma participação tão intensa. Em 67 ganhara uma hipertensão que vem até hoje e precisei parar ou moderar por muito tempo. Mas em 68 já havia muitas forças ativas, lutando em campo aberto. Tenho a impressão de que este período que vai de 64 a 68 foi o período de verdadeiro amadurecimento da luta por uma democracia real no Brasil. As contradições de uma sociedade de classes apareceriam de forma mais profunda, no caso da história do Brasil. A repressão também acabou aprendendo como é que tinha de lidar contra a ameaça que estava pairando contra a ordem. Eu tenho a impressão de que o endurecimento, a Junta Militar, tudo isso são subprodutos, a maneira pela qual a ditadura teve que enfrentar essa situação, porque realmente a sociedade brasileira viveu, naquele curto período de tempo, a tal fase pré-revolucionária que alguns tinham colocado no início da década de 60. Todavia, a experiência foi vivida por forças muito reduzidas, na verdade só os setores realmente radicais, mais politizados, de classe média, alguns elementos de origem sindical e muitos estudantes se engajaram no processo. Se 68 falhou na Europa, imaginem o que tinha que acontecer aqui. Foi uma hecatombe. Nós perdemos muito, porque, se a ditadura tivesse sido combatida por um conjunto maior de forças, o que sairia daí seria uma evolução no sentido de destroçar, de uma vez, a democracia restrita. Não se ia muito mais longe disso. O segredo deste regime é que ele isola os inimigos, escolhe a área de combate e dá os combates em terrenos ou momentos sucessivos.

**JC – Temos que conceder que isso é inteligente. Não é casuístico.**

FF – A coisa é programada. O único elemento que leva a programação até o fim é o governo ditatorial. Ele programa realmente tudo. Inclusive programa como deve agir a oposição consentida.

**JC – Mas em seguida à anistia e ao retorno, o sr. se recusou a reintegrar-se à Universidade nas condições impostas. Por esta entrevista, é fácil perceber a motivação de base. Contudo, valeria a pena uma explicitação. Isso também está ligado à crise da USP?**

FF – Não, eu não pensei tanto na USP. Eu tenho a impressão que os intelectuais valorizam muito a Universidade. É claro que é essencial valorizar a Universidade, mas também não se pode transformar a Universidade num supervalor.

**MP – Mas a crise da USP é ou não é verdadeira?**

FF – Ela é verdadeira, mas temos duas coisas diferentes. Uma é o combate a uma ditadura. Todo o processo de anistia foi uma luta importante e significativa: ele obrigou o regime a recuar. Não se pode ignorar, contudo, que essa luta tenha sido um pouco confinada, ela mobilizou forças mais de superfície do que de profundidade, mas foi uma luta tenaz e importante. Isso sem querer fa-

zer uma avaliação do significado, da importância dessa luta, o que representou a anistia a partir do momento em que a ditadura tomou a si determinar como ela ia ser, e inclusive decidir como aproveitá-la politicamente. Um intelectual que toma uma posição de luta em 64, que cai em 69 por causa dessa posição de luta, tem como problema central desmascarar a ditadura, lutar contra ela. E a maneira de lutar contra a ditadura é dizer não, porque aquela anistia regulada, pré-determinada, que nos expunha a uma humilhação intelectual, tinha que ser rejeitada in limine. Foi o que procurei fazer. Mesmo que eu queira voltar, quero voltar de uma forma que aprofunde o significado de nossa luta política, e não em termos de uma concessão pela qual o governo se apresenta à nação como o concessionário de um avanço político. Ele não fez concessão nenhuma. A concessão que ele deveria fazer era a concessão de uma anistia total. Era essa a pressão do movimento pela anistia. Não fez essa concessão e fez o contrário. Ele sublimou a repressão alegando que, do ponto de vista do regime, estavam perdoados os erros e que, da nossa parte, também esperavam que fizéssemos uma auto-retratação. Ora, em 64, 68, 69, eu estava em luta contra a ditadura. Então eu não queria saber disso. Ela está aí, está forte, já analisei o que a opção representava para mim. Isto é, se eu concedo e não desmistifico, o mais importante é desmistificar, ainda que isso acabe sendo confundido, e de fato, o foi. Recebi críticas amargas ou amarguradas de colegas que achavam que subestimei a USP. Recebi críticas de cidadãos que achavam que não fui congruente com a luta pela democracia. Tudo isso está errado, porque eu não estaria lutando pela democracia aceitando a anistia do governo. Ao contrário, estaria lutando literalmente pela "democracia" do regime existente.

**PDB – E nem apenas pela democracia do Butantã, não é?**

FF – É. Eu vejo o processo de uma forma diferente. Voltar para quê? E aí se coloca o problema da crise da USP. É uma crise real, é uma crise que não está tanto na qualidade do trabalho intelectual. A Universidade brasileira, de uma forma geral, cresceu muito, e não se pode negar que o trabalho intelectual se tornou mais sofisticado, mais sério, mais produtivo. A crise intelectual vem do fato de que, na relação entre uma Universidade que tinha avançado muito e o espírito reacionário das classes possuidoras na sociedade brasileira, nessa relação a reação conseguiu, pela primeira vez, depois de 64, penetrar nos muros da Universidade. E penetrou através de seus baluartes internos, que estão nas profissões liberais, nos vários campos de ensino e de trabalho intelectual, que realmente eram os alicerces da contra-revolução dentro da Universidade. Em um pequeno ensaio sobre a Universidade na América Latina, que escrevi em 66, já mostrava que as profissões liberais não representavam a Universidade na sociedade, representavam a sociedade na Universidade, quer dizer, eles levam para a Universidade um espírito repressivo, de opressão, de luta de classes em termos negativos e de defesa de privilégios. Aprofundei esse debate em 1967, pelo que se poderá concluir de "A Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?" O setor em questão cresceu muito, se fortaleceu muito e o que há de crise na Universidade, não somente na USP, é esse avanço da contra-revolução no campo institucional.

A contra-revolução vai ser batida no campo político, mas ela ainda vai ficar forte no campo institucional. E não vai ser só na Universidade. Vai ser em todas as instituições-chaves, nas quais a burguesia construiu as suas trincheiras. De modo que é uma crise que vai exigir de todos os intelectuais uma capacidade de luta e de discernimento muito forte, porque se não se destruir essa força reacionária, não vai haver Universidade possível, de maneira nenhuma.

**JC – Nesse sentido, e não apenas em relação à USP, mas talvez com ênfase em relação à USP, gostaria que a resposta fosse explicitada, apesar de crer que seja óbvia. Os intelectuais não foram integralmente congruentes nesse processo todo, não é?**

FF – Não, é claro. Eu já fiz esta análise, prematuramente até. Eu a fiz em 69, naquele ensaio que está publicado no "Círculo Fechado". Lembrei a frase de Lênin: "Sem teoria revolucionária não há revolução". No mesmo sentido podemos dizer que sem teoria contra-revolucionária não há contra-revolução. Dentro da Universidade a contra-revolução teve uma força muito vigorosa. Eu tenho a impressão de que, quando se combate a ditadura, não se combate apenas o governo militar, combatem-se essas forças que organizam a repressão no país inteiro.

**NR – E até o taticismo dos mais "conseqüentes"?**

FF – Sim, porque o que prevalece é o velho espírito elitista. O brasileiro se acostumou a servir às elites. A Universidade prendeu-se às necessidades políticas e intelectuais das elites, das classes possuidoras. Eles não sabem ver outra saída, do que decorre uma simulação enorme. Isto é, uma pessoa se apresenta como "muito avançada", mas é "avançada" só no terreno verbal ou da verbalização fácil.

**JC – Prevalece a carreira, não é?**

FF – No terreno prático, nem sequer a carreira está prevalecendo. São interesses mesquinhos, de dominação, de destruição dos outros.

**JC – Nós colhemos, com esta entrevista, uma página formidável, que vai marcar a história brasileira e que vai marcar, também, a nova fase da revista Escrita/Ensaio. Mas espero que não marque apenas a nova fase de uma revista, mas de um trabalho coletivo que seja um ponto pequeno e simples de partida para um trabalho muito mais amplo dentro do qual, de algum modo, já estamos inseridos.**

---

**Nota da Comissão:** Esperamos que com a nossa re-entrevista tenhamos respondido ao apelo do Prof. Chasin para o trabalho coletivo.